

Para acolher na misericórdia

A Arquidiocese de Mariana, por meio da Coordenação de Pastoral e da Equipe Executiva do Plano Arquidiocesano de Evangelização (PAE), produziu uma cartilha onde trata de aspectos relacionados à acolhida. A cartilha pretende ajudar os agentes de pastoral e lideranças dos movimentos e serviços eclesiais a olharem para dentro de si mesmos e de seus respectivos grupos em relação à forma que têm de acolher. Propõe-se, ainda, a fazer com que toda a comunidade eclesial reflita sobre seu testemunho de acolhimento e a fazer, se necessário, um mea culpa pelo afastamento de irmãos e irmãs na fé.

A cartilha, publicada pela Editora Dom Viçoso, relaciona a acolhida à misericórdia, em sintonia com a proposta do Papa Francisco. "Misericórdia: é o ato último e supremo pelo qual Deus vem ao nosso encontro (MV 3)."

PÁGINAS 6 E 7

ENTREVISTA

Apesar do desenvolvimento em vários setores, o Brasil ainda tem um caminho longo quando se fala em saneamento básico. São mais de 100 milhões de pessoas que ainda não têm coleta de esgoto em suas casas. Um volume de pessoas que assusta, principalmente quando o assunto é algo que parece tão elementar para o desenvolvimento de um país. O Jornal Pastoral quer ampliar esta discussão e em sintonia com a Campanha da Fraternidade Ecumênica traz uma entrevista com um especialista no assunto: Édison Carlos, diretor do Trata Brasil, um dos parceiros na CFE deste ano.

PÁGINA 3



LITURGIA

"Toda festa exige preparação. E, quanto mais importante é a festa, mais se prepara. A Páscoa é, para nós cristãos, a festa por excelência. Por isso é construída ao longo de cinco semanas. Com a Quarta-feira de cinzas, logo na abertura da Quaresma,

vem o apelo: "Convertei-vos, e crede no Evangelho!". Essa deve ser uma das marcas dessa caminhada rumo à Páscoa: o esforço de conversão, de se voltar para Deus, e a fé como adesão a Jesus Cristo e seu projeto do Reino."

PÁGINAS 10 E 11

A Campanha da Fraternidade deste ano traz à tona um tema que tantas vezes é jogado para debaixo do tapete. Apesar de o esgoto em nossas cidades, em grande parte, “correr a céu aberto”, quando a questão é refletir sobre saneamento básico e que políticas públicas podem ser implementadas para esse fim, o que se percebe é um grande descaso, seja dos órgãos governamentais, seja também das pessoas em geral. Aliás, é comum ouvir que muitas vezes não se investe nesta área porque obras como estas não geram voto. Melhor são as obras faraônicas, espetaculares, populistas. Estas sim, recebem votos e ganham eleições.

Mas o objetivo da campanha vai além de buscar culpados para os problemas que vivemos. Não é sem razão que o tema seja “Casa comum: nossa responsabilidade”. Isso significa que todo ser humano, habitante deste mundo, tem que se comprometer com o cuidado da casa comum e com as condições para que seja um lugar habitável para todos. E para que isso aconteça é fundamental a concretização de algumas medidas como o abastecimento de água potável, tratamento de esgoto sanitário, limpeza urbana, manejo de resíduos sólidos, controle de meios transmissores de doenças e drenagem de águas pluviais.

O ponto fundamental está na compreensão de que tais medidas não podem ser restritas a algumas camadas da população. Não se trata de um privilégio dado a alguns, em detrimento de tantos outros. Nesse sentido, a discussão se coloca em termos dos direitos fundamentais que todo ser humano tem, pelo simples fato de ser humano. Mais do que consciência ecológica e ambiental, essa convicção exige uma sensibilidade fraterna que possui sua raiz no coração. A indiferença, a ganância e o egoísmo impedem a cada um de nós de sentir como nossas as dificuldades e os sofrimentos dos outros.

Por isso, o passo fundamental, como afirma uma das estrofes do hino da campanha, é sanear o coração: “Justiça e paz, saúde e amor tem pressa. Mas não se esqueça de uma condição. O saneamento de um lugar começa, por sanear o próprio coração”. Sem tornar o coração um lugar habitável para Deus e para o outro, dificilmente veremos o direito brotar como fonte e a justiça correr como um riacho que não seca, conforme o profeta Amós nos adverte.

Em tempos quaresmais, este apelo ganha ainda mais sentido para os cristãos e cristãs, pois não se pode viver uma verdadeira e fecunda relação com o Senhor da vida e da criação, sem a prática do direito e da justiça, sem o cuidado com os mais pobres e fragilizados que também são os que mais sofrem com a falta de saneamento seja nas grandes e pequenas cidades, seja também nas áreas rurais e distantes dos grandes centros urbanizados.

Soma-se a tudo isso o caráter ecumênico da campanha deste ano. Ecumenismo e Ecologia vêm ambas da mesma raiz grega que pode ser traduzida como casa, lugar comum. Em tempos de tanta intolerância religiosa será um belo testemunho cristãos e cristãs trabalhando unidos no cuidado da casa comum. Já dizia Martin Luther King: “Aprendemos a voar como os pássaros e a nadar como os peixes, mas esquecemos a simples arte de vivermos como irmãos e irmãs”. Seja esta campanha uma nova oportunidade para aprimorarmos na arte da fraternidade e na prática da justiça e do direito.

Trata Brasil



Ano da Misericórdia II

Dom Geraldo Lyrio Rocha

Arcebispo de Mariana

Na bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, intitulada *Misericordiae Vultus*, o Papa Francisco insiste que é preciso contemplar o mistério da misericórdia. A misericórdia é fonte de alegria, serenidade e paz e condição da nossa salvação. Misericórdia é a palavra que revela o mistério da Santíssima Trindade e é o ato último e supremo pelo qual Deus vem ao nosso encontro. Misericórdia é a lei fundamental que mora no coração de cada pessoa, quando vê com olhos sinceros o irmão que encontra no caminho da vida. Misericórdia é o caminho que une Deus e o ser humano porque nos abre o coração à esperança de sermos amados para sempre.

O Papa explicita a razão que o levou a proclamar o Jubileu da Misericórdia, quando diz: “Há momentos em que somos chamados, de maneira ainda mais intensa, a fixar o olhar na misericórdia, para nos tornarmos nós mesmos sinal eficaz do agir do Pai”.

Citando Santo Tomás de Aquino, o Papa Francisco recorda que “é próprio de Deus usar de misericórdia e, nisto, se manifesta de modo especial a sua onipotência”. « Paciente e misericordioso » é o binómio que aparece, frequentemente, no Antigo Testamento para descrever a natureza de Deus. Sua bondade prevalece sobre o castigo e a destruição. “É Ele quem perdoa as tuas culpas e cura todas as tuas enfermidades. É Ele quem resgata a tua vida do túmulo e te enche de graça e ternura” (Sl 103 3-4). “O Senhor liberta os prisioneiros. O Senhor dá vista aos cegos, o Senhor levanta os abatidos, o Senhor ama o homem justo. O Senhor protege os que vivem em terra estranha e ampara o órfão e a viúva, mas entrava o caminho aos pecadores” (Sl 146, 7-9). “O Senhor cura os de coração atribulado e trata-lhes as feridas (147, 3.6). O Salmo 136, que Jesus rezou ao final da Última Ceia, mostra que a misericórdia torna a his-

tória de Deus com Israel uma história da salvação.

De maneira muito bela e com muita unção espiritual diz o Papa: “Com o olhar fixo em Jesus e no seu rosto misericordioso, podemos individuar o amor da Santíssima Trindade. A missão, que Jesus recebeu do Pai, foi a de revelar o mistério do amor divino na sua plenitude. “Deus é amor” (1Jo 4, 8.16): afirma-o, pela primeira e única vez em toda a Escritura, o evangelista João. Agora este amor tornou-se visível e palpável em toda a vida de Jesus. A sua pessoa não é senão amor, um amor que se dá gratuitamente. O seu relacionamento com as pessoas, que se abeiram dele, manifesta algo de único e irrepetível. Os sinais que realiza, sobretudo para com os pecadores, as pessoas pobres, marginalizadas, doentes e atribuladas, decorrem sob o signo da misericórdia. Tudo nele fala de misericórdia. Nele, nada há que seja desprovido de compaixão”.

Ao ver que a multidão que o seguia estava cansada e abatida, Jesus sentiu uma intensa compaixão (cf. Mt 9, 36). Em virtude deste amor compassivo, curou os doentes (cf. Mt 14, 14) e, com poucos pães e peixes, saciou grandes multidões (cf. Mt 15, 37). O Papa Francisco recorda que, em todas as circunstâncias, o que movia Jesus era apenas a misericórdia que se manifestou em muitas circunstâncias: quando encontrou a viúva de Naim que levava o seu único filho para sepultar, Jesus sentiu grande compaixão e ressuscitou aquele jovem (cf. Lc 7, 15); depois de ter libertado o endemoninhado de Gerasa, confia-lhe de contar tudo o que o Senhor fizera e como teve misericórdia dele (Mc 5, 19); ao passar diante do posto de cobrança dos impostos, Jesus, cheio de misericórdia, chamou Mateus, pecador e publicano, para se tornar um dos apóstolos. Os gestos e atitudes de Jesus nos revelam a face misericordiosa do Pai. “Quem me vê, vê o Pai”, disse Jesus a Filipe (Jo. 14,9).

Assine o PASTORAL

Faça seu depósito identificado em nome da Arquidiocese de Mariana, na Caixa Econômica Federal ou Casas Lotéricas,

Agência: 1701 - Conta: 583-3

Operação: 003 e envie email com seus dados e confirmação de depósito para assinaturaspastoral@gmail.com

Valor da assinatura: R\$ 25,00 anual (12 exemplares)

PASTORAL Expediente

Periódico mensal, fundado em fevereiro de 1991, em Mariana/MG

Endereço: Rua Dom Silvério, 51 Centro. CEP 35420-000 - Mariana/MG.

Fone: (31) 3557 3167.

Email: jornal.pastoral@yahoo.com.br

Diretor: Pe. Wander Torres Costa.

Jornalista: Marcelo Martins - MG 06241JP

Conselho Editorial: Edina da Silva, Ester Trindade, Pe. Geraldo Martins Dias, Pe. José Geraldo de Oliveira, Pe. José Maria Coelho da Silva, Pe. Paulo Barbosa, Pe. Wander Torres, Carlos Heitor Fideles.

Dacom: Jornalista - Bruna Sudário

Estagiária - Carol Vieira

Produção: Editora Dom Viçoso. Rua Cônego Amando, 131 São José. CEP

35420-000 - Mariana MG. Fone: (31) 3557 1233.

Email: edv@graficadomvicoso.com.br

Tiragem: 2.000 exemplares.

Parceiros no saneamento básico

Na edição de janeiro, o Pastoral trouxe reportagem onde apresentava a Campanha da Fraternidade Ecumênica de 2016 e a importância em se tratar um assunto tão sério quanto saneamento. Um assunto que, apesar de ter tão óbvia importância, ainda é negligenciado por gestores públicos e sociedade em geral. Para aprofundar um pouco mais este tema, esta edição traz uma entrevista com Édison Carlos, um dos parceiros importantes neste trabalho que irá ser desenvolvido durante todo o ano de 2016 e que precisa ser encarado definitivamente por toda a população mundial.

Édison Carlos é presidente executivo do Instituto Trata Brasil. Químico industrial de formação, por muitos anos atuou em áreas ligadas à Comunicação e Relações Institucionais nos setores químico e petroquímico. Além de formado em Química pelas Faculdades Oswaldo Cruz, o executivo é pós-graduado em Comunicação Estratégica, já tendo atuado nas áreas de tratamento de águas e efluentes. Atuou por quase 20 anos em várias posições no Grupo Solvay, sendo que nos últimos anos foi responsável pela área de Comunicação e Assuntos Corporativos da Solvay Indupa. Em 2012, Édison Carlos recebeu o prêmio "Faz Diferença – Personalidade do Ano", do Jornal O Globo – categoria "Revista Amanhã" que premia quem mais se destacou na área da Sustentabilidade em todo o país. (www.tratabrasil.org.br).



Trata Brasil

PASTORAL: O que é e qual a proposta central do Instituto Trata Brasil?

ÉDISON CARLOS: O Instituto Trata Brasil é uma OSCIP - Organização da Sociedade Civil de Interesse Público, formado por empresas com interesse na melhoria dos recursos hídricos do país, especialmente através de avanços nos serviços de saneamento básico. O principal objetivo é conscientizar a sociedade para termos um Brasil onde todos tenham acesso à água tratada, coleta e tratamento dos esgotos. Desenvolvemos estudos, pesquisas e demais conteúdos visando mostrar os impactos às pessoas e ao país, vindos da falta de saneamento, mas também temos projetos em comunidades vulneráveis, onde a falta desta infraestrutura prejudica as famílias. Além disso, o Trata Brasil trabalha em parceria com personalidades que emprestam sua imagem à causa do Saneamento (campeões olímpicos, juristas, atores e atrizes, promotores públicos, engenheiros e professores), bem como possui parceria com entidades ligadas às áreas de Engenharia e Arquitetura, de defesa à Saúde Infantil e Proteção à Criança, Meio Ambiente, Turismo, Direito Sanitário, entre outras.

PASTORAL: Por que um problema tão antigo e tão visível como o saneamento básico ainda assusta a população brasileira e mundial?

ÉDISON CARLOS: Pouco se fez para mudar esta situação que apresenta números alarmantes de falta de coleta e tratamento de esgoto e água tratada. Para se ter uma ideia, o último Ranking do Saneamento, de 2015, feito pelo Instituto Trata Brasil em parceria com a consultoria GO Associados, mostra que 48,6% da população brasileira recebia o serviço de coleta de esgoto, ou seja, cerca de 100 milhões de brasileiros não tinham acesso. Apenas 39% dos esgotos foram tratados, o que significa que mais de 5 mil piscinas olímpicas de esgotos não tratados foram jogadas por dia na natureza naquele ano. É um problema antigo no país que ainda precisa ser visto com mais responsabilidade pelas autoridades políticas e até mesmo pela população, pois afeta diretamente o desenvolvimento social econômico de uma nação e coloca em risco centenas de vidas. A falta de saneamento contribui significati-

vamente para as mais de 400 mil internações por diarreia que temos todos os anos, segundo o IBGE. Outras doenças, como a hepatite A, dermatites, verminoses, leptospirose, etc. também assolam as pessoas em contato com esgotos a céu aberto ou córregos contaminados. Prejudica o aprendizado das crianças, o turismo, entre muitas outras coisas.

PASTORAL: Minas Gerais tem grandes problemas de saneamento? E a região dos municípios que compõem a Arquidiocese de Mariana, existem dados sobre a região?

ÉDISON CARLOS: Apesar da necessidade de avanços, os dados mostram que Minas Gerais está avançando e é um dos poucos estados do país que apresentam dados consideráveis em relação ao saneamento básico. Grandes cidades, como Belo Horizonte, Montes Claros, Uberlândia, Contagem, Uberaba e Betim têm dados bons para o saneamento, ainda que não sejam excelentes. BH, por exemplo, está entre as quatro únicas capitais que atingiram 100% de atendimento em água tratada analisadas no Ranking do Saneamento do Trata Brasil. Não temos, no momento, os dados dos municípios que compõem a Arquidiocese de Mariana, mas eles estão disponíveis no SNIS (Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento).

PASTORAL: Como vocês estão vendo a proposta da Campanha da Fraternidade deste ano?



Trata Brasil

ÉDISON CARLOS: É uma proposta extremamente importante e que se deve dar total atenção aos debates em torno da falta de Saneamento Básico. Ter água tratada, coleta e tratamento dos esgotos é um direito humano e uma infraestrutura essencial ao meio ambiente e à saúde das pessoas, em especial aos mais vulneráveis. Além disso, é um problema com pouca visibilidade em nosso país. A proposta é que todos os parceiros e igrejas envolvidos na articulação promovam discussões e debates regionais mostrando a importância de haver políticas públicas mais eficazes e que permitam que mais pessoas possam receber os serviços básicos.

PASTORAL: Como está a parceria entre o Trata Brasil e as Igrejas que participam da Campanha da Fraternidade Ecumênica 2016?

ÉDISON CARLOS: O Instituto Trata Brasil já é um dos parceiros da CNBB e do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil – CONIC - na divulgação da Campanha da Fraternidade 2016. Com essa parceria estamos fazendo palestras pelo país, além de dar total atenção aos pedidos de ajuda por parte das paróquias, juntamente com as coordenações regionais do CONIC, visando levar a mensagem da Campanha. Além disso, a parceria mais antiga que o Trata Brasil tem é com a Pastoral da Criança, quando, na época, a Zilda Arns foi a primeira embaixadora do nosso instituto, legitimando nossas ações perante a um problema tão antigo no país, que é a falta de saneamento básico.

PASTORAL: O fato de o Papa Francisco dar tanta atenção para questões relativas ao Meio Ambiente tem ajudado na ampliação da discussão e efetiva melhora no saneamento das cidades?

ÉDISON CARLOS: Muito. Pelo que acompanhamos na mídia, a atenção do Papa Francisco a esse assunto traz mais credibilidade na comunicação com a sociedade já que é o maior líder da Religião Católica e tem um respeito entre outros líderes religiosos e políticos. É preciso ter líderes mais engajados com o próprio Papa Francisco, só assim os problemas ambientais ganharão a visibilidade que merecem.

Imagem Peregrina de Aparecida chega à Região Centro

A Região Pastoral Mariana Centro acolheu a Imagem Peregrina de Nossa Senhora Aparecida, no dia 31 de janeiro, na cidade de Piranga. A comunidade da Região aguarda com grande expectativa a programação destinada às visitas da imagem. A recepção de Nossa Senhora aconteceu Praça do Rosário com caminhada até a matriz da cidade, onde o arcebispo Dom Geraldo Lyrio Rocha presidiu a missa.

O vigário episcopal da região e pároco da comunidade de Nossa Senhora da Conceição, padre José Raimundo Alves, conta que a programação da acolhida é muito importante porque traz o espírito da visita, reforça o plano de evangelização buscando os afastados e contempla o ano da escuta, além do ano da misericórdia. “É uma grande satisfação receber a Imagem de Nossa Senhora Aparecida neste ano. Ela simboliza a misericórdia e representa o rosto de Deus perante os mais sofridos, reacendendo a fé”, ressalta.

Confira os locais por onde a Imagem Peregrina



Mauro Dutra de Faria

vai passar na Região Centro: 31/1 a 14/2, Piranga; 14/2 a 21/2, Catas Altas da Noruega; 21/2 a 28/2, Lamim; 28/2 a 4/3, Rio Espera; 4/3 a 27/3, Senhora de Oliveira; 27/3 a 3/4, Brás Pires; 3/4 a 10/4, Senador Firmino; 10/4 a 17/4, Presidente Bernardes; 17/4 a 24/4, Porto Firme; 24/4, saída para Região Leste.

Região Oeste

A Imagem Peregrina de Nossa Senhora deixou a Região Oeste para seguir o percurso de visitas na Arquidiocese de Mariana. Desde o dia 10 de julho de 2015, a mãe protetora visitou as comunidades e foi recebida com fé pela região.

“A passagem da imagem

peregrina foi um momento muito importante para todas as 28 paróquias da nossa Região. Foi muito marcante a presença dela aqui. Todos demonstraram alegria e muita fé em recebê-la”, ressaltou o vigário episcopal da Região Oeste, Cônego Geraldo Francisco Leocádio,

Peregrinação

A peregrinação na Arquidiocese de Mariana está acontecendo desde o dia 14 de dezembro de 2014 em preparação para o Jubileu dos 300 anos do encontro da imagem de Nossa Senhora. O encerramento acontecesse em 2017. Depois da Região Centro, a Leste e Norte irão receber a imagem.

Arquidiocese planeja evangelização para a juventude

Como resposta ao levantamento feito em 2015 sobre a evangelização da juventude na Arquidiocese de Mariana, o coordenador arquidiocesano de pastoral, padre Geraldo Martins, se reuniu com representantes de grupos e movimentos de jovens no dia 22 de janeiro, com o objetivo de tomar conhecimento das respostas aos questionários enviados às paróquias. O encontro, realizado no Centro Arquidiocesano de Pastoral, em Mariana, também teve como proposta dar início ao processo de elaboração do plano de trabalho para a evangelização da juventude.

De acordo com padre Geraldo, a análise dos dados contidos no questionário será executada em breve. “A sistematização dos dados e sua leitura serão feitas por um membro da equipe. O resultado será apresentado na próxima reunião da equipe, em março”, explica.

Além da leitura dos dados, a equipe pretende apresentar ao Conselho Arquidiocesano

de Pastoral (CAP), em fevereiro, uma proposta de ação para articular junto aos jovens da Arquidiocese. “Aprovada pelo CAP, divulgaremos para toda a Arquidiocese. Posso adiantar, no entanto, duas coisas. Primeiro, queremos fazer do Jubileu da Juventude, aprovado pela assembleia do ano passado para ser celebrado em nível arquidiocesano, um momento especial para propor um trabalho de evangelização da juventude. A data do jubileu, em local a ser definido, está confirmada para 31 de julho. Segundo, nosso desejo é construir um projeto de evangelização das juventudes de forma a envolver o máximo de atores possível”, conta o coordenador.

A Arquidiocese de Mariana propõe atividades direcionadas à juventude para que, de maneira articulada e organizada, os jovens possam fazer a diferença na Igreja e na sociedade tendo a oportunidade do protagonismo na construção da civilização do amor.

Ordenação Diaconal

A Arquidiocese de Mariana convida para a Celebração Eucarística na qual serão ordenados diáconos Joel Santos de Marseilha e Rodrigo Artur Medeiros da Silva, pela imposição das mãos

do Arcebispo de Mariana, dom Geraldo LyrioRoch. A celebração será realizada no dia 14 de fevereiro, às 10h, na Catedral Basílica de Nossa Senhora da Assunção, em Mariana.

Juntos podemos mais

Dois aspectos chamam a atenção na Campanha da Fraternidade deste ano: é ecumênica e propõe um tema pouco discutido entre nós. Convoca-nos, em primeiro lugar, a buscar a unidade que deve marcar a vida dos discípulos e discípulas de Cristo. Em segundo lugar, questiona a prática de nossa fé diante de uma realidade em que a vida é ameaçada.

O movimento ecumênico, embora tenha começado há mais de cem anos, continua um desafio entre muitos de nós. Não nos demos conta ainda de que a divisão entre os cristãos é um escândalo que contradiz o evangelho. A unidade é um desejo do próprio Cristo: “Que todos sejam um como Tu, Pai, estás em mim e eu em Ti; que também eles estejam em nós, a fim de que o mundo creia que tu me enviaste” (Jo 17,21).

A primeira atitude que se espera de nossas comunidades católicas, com esta Campanha, é que cresçam na prática do ecumenismo. Isso supõe abertura ao diferente, respeito à verdade do outro, diálogo aberto e verdadeiro com os irmãos e irmãs de outras Igrejas, capacidade de trabalhar juntos em favor de causas universais e comuns a todos. Lembremo-nos de que “o testemunho ecumênico coloca-se na contramão de todo tipo de competição e proselitismo, tão

frequentes no contexto religioso” (Texto Base da CF n. 2).

O tema deste ano exigirá de nós uma postura política diante de uma realidade que nos afeta diretamente: o saneamento básico. Postura política significa a capacidade de nos posicionar frente a um direito humano negado a uma porcentagem imensa de brasileiros. Trata-se de uma luta profética que “questiona as estruturas que causam e legitimam vários tipos de exclusão: econômica, ambiental, social, racial e étnicas” (Texto Base da CF n. 4).

As duas colunas sobre as quais devemos firmar as ações propostas pela Campanha da Fraternidade estão expressas em seu lema, tirado do profeta Amós: Direito e Justiça. Entendido como direito humano, o saneamento básico tem de ser universalizado e não pode ser privatizado. Nenhuma pessoa humana pode ficar privada de seu direito por causa de sua condição social e econômica. A justiça vem assegurar que todos tenham acesso aos seus direitos. Nossa fé só é verdadeira se nos leva a agir para que isso aconteça.

A Campanha da Fraternidade vai nos ajudar a entender o que é saneamento básico e sua relação direta com a vida das pessoas e do planeta. Deve



Agencia Brasil

ser visto na perspectiva da “ecologia integral”, como ensina o Papa Francisco. Dói constatar que, no Brasil, é grande o número de pessoas que não têm acesso a água potável, a rede de esgoto e a coleta de lixo. Espanta-nos ainda mais saber que o tratamento de esgoto inexistente na maioria de nossos municípios.

As ações sugeridas pela CF apontam tanto para responsabilidade dos gestores públicos quanto para compromissos individuais e coletivos dos cidadãos. Juntos, cristãos de todas as Igrejas e irmãos e irmãs de boa vontade, podemos muito mais. Afinal, o planeta terra é casa de todos e a responsabilidade de seu cuidado também é de todos.

Pe. Geraldo Martins
Coordenador de Pastoral

Rumo ao VI Fórum Social pela Vida

Em preparação a este fórum, foi realizada uma reunião no dia 22 de janeiro, no salão paroquial de Nossa Senhora de Lourdes, em Conselheiro Lafaiete, com a participação da coordenação arquidiocesana da Dimensão Sociopolítica e da equipe permanente do fórum e, no dia seguinte, dia 23 de janeiro, uma reunião ampliada acolhendo também representantes e lideranças das regiões pastorais e sobretudo da cidade de Conselheiro Lafaiete.

Entre os assuntos pautados, fizemos memória dos fóruns realizados, mostrando a importância de um evento como este em nossa Arquidiocese de Mariana, diretamente voltado para a dimensão social da evangelização. E, em seguida, levantamos propostas para o próximo fórum social, estabelecendo estratégias em vista de sua melhor preparação.

Foi apresentada a cartilha “A Caminho do VI Fórum Social pela Vida”, que além do histórico dos fóruns, com seus compromissos assumidos, apresenta as frentes de trabalho, com suas ações, operações e rede de apoio, assumidas a partir do V Fórum Social.

Vale a pena aqui mencioná-las: a) Estado do Bem Viver: Por um Estado do Bem Viver, Controle Social do Estado Brasileiro, Moradia digna e as Reformas Urbana e Agrária; b) Saúde e Segurança Alimentar: Saúde e Práticas Alternativas, Segurança Alimentar e Combate aos Agrotóxicos e Agricultura Familiar e Agroecologia; c) Justiça Restaurativa: Sistema Prisional, Pastoral Carcerária, Justiça Restaura-

tiva, Vulnerabilidade Social e Prevenção contra as Drogas; d) Água e Energia: Impactos da Mineração e Desequilíbrios Socioambientais, Energia Renovável para a Sustentabilidade do Planeta; e) Dignidade Humana: Criança e Menor, Juventude, Mulheres e Negritude – a luta por direitos; f) Metodologias Populares: Educação Popular no Campo e na Cidade, Economia Popular Solidária – Estratégias para a Organização e Transformação da Sociedade.

Esta cartilha, feita em maior quantidade, estará disponibilizada para o estudo de grupos pastorais, comunidades e lideranças religiosas e sociais, como valioso subsídio pastoral em preparação ao próximo fórum social.

Levantamos também propostas relativas ao tema e lema, na perspectiva do cuidado com a casa comum e da necessidade da economia e da política estarem a serviço da vida e do bem comum. Neste mesmo caminho, ouvimos sugestões para a organização das oficinas de trabalho durante o fórum, mesclando atenções com o meio ambiente e o meio social.

Constituímos as equipes de trabalho em vista do fórum social. São elas: equipe geral de infraestrutura e logística, mais local, envolvendo a cidade de Lafaiete e a Região Oeste; equipe de finanças, equipe de programação, conteúdo e metodologia; equipe para a música e liturgia; equipe para a animação e noite cultural; equipe de comunicação e divulgação, equipe de secretaria e mobilização. Temos, a prin-

cípio, nomes referenciais e, na ocasião, foram apresentados outros nomes para a composição destas equipes. Esperamos que logo estas equipes, já mais reforçadas pelas representações diocesanas, possam agilizar os muitos trabalhos já pensados.

Por fim levantamos nomes para assessorar o próximo fórum social arquidiocesano pela vida e os lugares possíveis, na cidade de Conselheiro Lafaiete, onde um evento como este, pensado para 1.000 pessoas, possa se realizar.

Todas estas propostas e iniciativas serão apresentadas na próxima reunião do Conselho Arquidiocesano de Pastoral - CAP, marcada para o dia 12 de fevereiro, em Mariana, para serem, devidamente, apreciadas e aprovadas. Convém recordar que o fórum social pela vida é um evento arquidiocesano, confiado, na sua organização, à dimensão sociopolítica, mas de responsabilidade de todos nós e assim precisa receber a aprovação do CAP, como instância representativa maior da articulação pastoral na Arquidiocese de Mariana.

Convidamos você a acompanhar os passos em vista do próximo fórum social pela vida, sempre apresentados nesta coluna. O fórum acontecerá nos dias 27 a 30 de outubro, em Conselheiro Lafaiete. Como em tempo de carnaval, estamos esquentando os tambores. Em causa está a festa da vida.

Pe. Marcelo Moreira
Santiago
Coordenador da
Dimensão Sóciopolítica

DACOM



GIRO RÁPIDO

MEIO AMBIENTE

De 4 a 6 de março, Mariana vai acolher o Seminário das Dioceses que compõem a Bacia do Rio Doce. O encontro terá como tema “Bacia do Rio Doce, nossa casa comum: corresponsabilidade de todos frente a vida ameaçada”.

O evento pretende reunir 200 pessoas, representantes das dioceses da bacia e lideranças ligadas às questões do meio ambiente. Os encaminhamentos sobre o seminário foram decididos em reunião realizada no dia 25 de janeiro, em João Monlevade, com a comissão de Meio Ambiente e representantes do Movimento de Atingidos por Barragem (MAB) e a Cáritas.

TEOLOGIA POPULAR

“Dom Luciano está vivo na luta do povo”. Este foi o tema da segunda etapa do Curso de Teologia Popular, que aconteceu em Paula Cândido, entre os dias 25 e 29 de janeiro.

A formação reuniu aproximadamente 50 participantes das cidades de Senador Firmino, Catas Altas, Piranga, Jequeri, Ponte Nova, Viçosa, Presidente Bernardes e Paula Cândido. Entre os movimentos presentes, estiveram os quilombolas do Córrego do Meio (Airões), o Levante Popular da Juventude, a Pastoral Afro, o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), a EFA Dom Luciano, a Campanha das Águas contra o Mineroduto da Ferrous, o Gangazumba e representantes de CEBs.

O Curso de Teologia Popular é organizado pelo Movimento Evangélico Popular Eclesial – MEPE, Escola Nacional de Energia Popular – ENEP, em quatro etapas. A primeira ocorreu nos dias 13 a 15 de julho de 2015, na Escola Família Agrícola de Jequeri, e contou com a orientação de João Resende, do Movimento da Boa Nova – MOBON.

FORMAÇÃO PERMANENTE

A Comissão de Presbíteros do Regional Leste 2 (Minas Gerais e Espírito Santo) da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, realizou entre os dias 25 e 29 de janeiro, o 31º Encontro de Formação Permanente.

O tema “Presbíteros do Brasil, alegria no testemunho do Evangelho” acompanha a proposta do 16º Encontro Nacional de Presbíteros, que acontece nos dias 19 a 25 de abril, em Aparecida (SP).

O Encontro foi realizado no Retiro das Rosas, em Cachoeira do Campo, distrito de Ouro Preto (MG) e contou com a assessoria do doutor em Sagradas Escrituras, e membro do clero da diocese de Cachoeiro de Itapemirim (ES), padre Anderson Franklin.

JUVENTUDES LEIGAS

Com o tema “Juventude Leiga, um novo jeito de ser Igreja”, a Arquidiocese de Mariana vai acolher o I Encontro das Juventudes leigas do Conselho Nacional do Laicato Brasileiro - Leste II, entre os dias 17 a 19 de junho, em Conselheiro Lafaiete, Região Pastoral Mariana Oeste.

O Encontro tem como objetivo despertar no jovem a consciência de sua importância na vida da Igreja, levando-o a entender sua missão e vocação laical. Esse evento pretende reunir diferentes identidades de juventudes das 32 dioceses pertencentes ao regional Leste II que compreendem Minas e Espírito Santo.

MISSÃO CADB-SOBRIEDADE

Seminaristas da Arquidiocese de Mariana, juntamente com a Pastoral da Sobriedade, a paróquia de São Pedro e São Paulo de Barbacena, Região Pastoral Mariana Sul, missionários da Fazenda Esperança e do Centro de Acolhimento Dom Bosco (CADB) realizaram uma experiência concreta do evangelho de missão, entre os dias 17 a 24 de janeiro, em Barbacena.

A missão teve como intuito plantar uma semente nos corações dos dependentes químicos e de seus familiares, demonstrando que com Deus, movidos pelo Espírito Santo e o amor de Maria, o ser humano é capaz de vencer o vício da dependência.

Entra na roda com a gente!

Reprodução

Este é o tem a da Cartilha elaborada pela Coordenação Arquidiocesana de Pastoral e pela Equipe Executiva do Projeto Arquidiocesano de Evangelização (PAE) para discutir a prática da acolhida nas comunidades da Arquidiocese.

O Pastoral antecipa as principais ideias da cartilha para seus leitores.

O Projeto Arquidiocesano de Evangelização 2010-2014 (PAE) desafiou nossas comunidades a serem missionárias, especialmente junto aos nossos irmãos e irmãs que estão mais distantes e não participam da vida eclesial. Impulsionados pelo Espírito Santo, protagonista de toda evangelização, fizemos de 2014-2015 o Ano da Escuta em nossa Arquidiocese. Em nome da Igreja, equipes e grupos foram ao encontro desses irmãos e irmãs e puderam constatar, por um lado, a fé que vibra em seus corações e, por outro, as decepções e desencantos que os levaram a uma atitude de recolhimento e afastamento.

O Ano da Escuta fez-nos perceber a necessidade de aperfeiçoar nossa prática de acolhimento em nossas comunidades a fim de podermos contar com a presença de tantos que se sentem excluídos da vivência comunitária da fé. Rever nossa prática de acolher os irmãos e irmãs em nossas comunidades poderá significar, em muitos casos, abandonar estruturas e práticas caducas que, longe de aproximar as pessoas, as afastam ainda mais.

Com o objetivo de provocar um forte, intenso e sincero debate sobre nosso modo de acolher na vida de nossa Igreja, a Coordenação Arquidiocesana de Pastoral e a Equipe Executiva do PAE apresentaram uma cartilha com algumas reflexões sobre a acolhida. Ela pretende ajudar nossos agentes de pastoral e lideranças dos movimentos e serviços eclesiais a olharem para dentro de si mesmos e de seus respectivos grupos em relação à forma que têm de acolher. Propõe-se, ainda, a fazer com que toda a comunidade eclesial reflita sobre seu testemunho de acolhimento e a fazer, se necessário, um *mea culpa* pelo afastamento de irmãos e irmãs na fé.

O pano de fundo que deverá iluminar nossa prática de acolhida é a misericórdia do Pai, motivados pelo Ano da Misericórdia convocado pelo Papa Francisco. Sem misericórdia, é impossível acolher. “Misericórdia: é a palavra que revela o mistério da Santíssima Trindade. Misericórdia: é o ato último e supremo pelo qual Deus vem ao nosso encontro. Misericórdia: é a lei fundamental que mora no coração de cada pessoa, quando vê com olhos sinceros o irmão que encontra no caminho da vida. Misericórdia: é o caminho que une Deus e o homem, porque nos abre o coração à esperança de sermos amados para sempre, apesar da limitação do nosso pecado” (MV 3).

Nossa Prática de Acolher

Todos nós gostamos de ser bem acolhidos. Quando vamos a um comércio, por exemplo, muitas vezes condicionamos nossa volta ao mesmo estabelecimento à forma como fomos acolhidos. Costumamos colocar a boa acolhida à frente de outras questões como, por exemplo, o preço de um produto. Muita gente diz que prefere pagar um pouco mais por um produto quando é bem acolhida a pagar menos, mas não ter um acolhimento pessoal.

O Ano da Escuta, vivenciado pela Arquidiocese



de Mariana em 2014-2015, revelou que muitas pessoas deixam de participar de nossas comunidades por não se sentirem acolhidas pelos nossos agentes de pastoral e pela comunidade eclesial como um todo. Isso é motivo de tristeza porque contradiz o ser cristão. Trata-se de uma prática oposta à de Jesus a quem todos acorriam para ouvir, para pedir a cura, para receber perdão. É urgente tornar toda nossa comunidade acolhedora, começando pelos ministros ordenados e pelos leigos e leigas que atuam nas pastorais e movimentos de nossa Igreja.

Acolher significa abrir a mente e o coração para tratar com carinho, atenção e respeito todo e qualquer ser humano, independente de sua raça, cor, sexo, posição social, comportamento moral ou opção religiosa. Acolher bem uma pessoa significa tratá-la com respeito, valorizá-la como ser humano, escutar os seus anseios e alegrias, considerá-la na sua mais alta dignidade. Para nós cristãos, acolher bem uma pessoa não é apenas questão de etiqueta social ou de boa educação, mas é um valor que brota da nossa fé, um preceito evangélico e uma dimensão importante da vivência cristã.

Para nós, o grande mestre do acolhimento é Jesus Cristo. No seu mistério da encarnação, Jesus acolheu como seu tudo aquilo que se referia ao ser humano, exceto o pecado. Na sua prática cotidiana, Ele revolucionou o modo de acolher e nos ensinou que devemos tratar bem a todos, especialmente os mais rejeitados, excluídos e desconsiderados socialmente.

A acolhida na Bíblia

Ao percorrermos as páginas das Sagradas Escrituras, deparamo-nos com inúmeras passagens que apresentam o acolhimento bondoso e misericordioso de Deus ao seu povo e a algumas pessoas, de modo especial. A iniciativa do acolhimento vem do próprio Deus, que ao criar o ser humano, “criou-os, homem e mulher, à sua imagem e semelhança” (Gn. 1,26). Porque nos ama, Deus infundiu em nós a capacidade também de amar: “Não fostes vós que me escolhestes, fui eu que vos escolhi e vos constituí para que vades e deis fruto” (Jo. 15,16); “amai-vos uns aos outros, como eu vos amei” (Jo. 15,12).

É em Jesus que o rosto amoroso, misericordioso e acolhedor do Pai, se revela em toda a sua grandeza. Desde a sua encarnação até a sua morte, toda a vida

de Jesus foi uma constante acolhida a todos. Esse amor total aos pobres e aos pecadores, esse interesse pela miséria do outro (misericórdia) é ideal de Jesus e marca uma ruptura com a mentalidade judaica. Por isso mesmo se poderia dizer, com propriedade, que Jesus foi o primeiro a viver e manifestar totalmente a compaixão de Deus. Na base da sua atitude acolhedora está sempre o seu amor compassivo. As pessoas perceberam imediatamente a novidade: “Maravilhavam-se da sua doutrina, porque os ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas” (Mc. 1, 22). A atuação de Jesus era diferente, pois via tudo com um olhar de compaixão e misericórdia. Jesus não passa pela Galileia em busca de pecadores para os converter dos seus pecados, mas para se aproximar dos doentes e endemoninhados e os libertar do seu sofrimento.

Olhando a vida e obra de Jesus, podemos aprender, com o seu modo de agir, duas dimensões importantes da acolhida: a Dimensão Pessoal, onde Jesus acolhe a pessoa com toda a sua história, com o seu modo de ser e de viver e a Dimensão social, onde a acolhida de Jesus tem também o objetivo de reintegrar a pessoa à sociedade, para que volte a viver em comunhão com os demais.

A acolhida deve resgatar o valor da pessoa e fazê-la sentir-se útil dentro da comunidade cristã e da sociedade. Por outro lado, mostrar que a comunidade é lugar de acolhimento, de partilha, de comunhão, de perdão, animada pelo amor. Essa era sempre a atitude de Jesus, e deve ser também a nossa, diante dos marginalizados e excluídos da sociedade.

Em sua mensagem para a Quaresma deste ano, o Papa Francisco também exorta a necessidade de vermos o outro como um todo, numa atitude acolhedora e misericordiosa, em todas as suas dimensões, olhando profundamente para o outro e para nós mesmos. Segundo o Papa “a misericórdia de Deus transforma o coração do homem e faz-lhe experimentar um amor fiel, tornando-o assim, por sua vez, capaz de misericórdia. (...) Se, por meio das obras corporais, tocamos a carne de Cristo nos irmãos e irmãs necessitados de ser nutridos, vestidos, alojados, visitados, as obras espirituais tocam mais diretamente o nosso ser de pecadores: aconselhar, ensinar, perdoar, admoestar, rezar. Por isso, as obras corporais e as espirituais nunca devem ser separadas”.

Construindo nossa acolhida

A acolhida na perspectiva cristã e eclesial deve ser compreendida sob dois aspectos: receber bem a pessoa que vem até nós e ir ao encontro da pessoa.

Para que isso aconteça, alguns obstáculos precisam ser superados, como o egoísmo (quando a pessoa está mais preocupada consigo mesma do que com o outro), a indiferença, o comodismo (que faz com que fiquemos espetando que o outro venha ao nosso encontro), o preconceito e a inveja.

Onde acolher?

Devemos sempre observar bem o lugar onde acolhemos. O primeiro e fundamental lugar da acolhida deve ser o coração de cada um de nós. A pessoa que tem o coração aberto para acolher, saberá tratar bem a todos em qualquer lugar e em qualquer ocasião. Para aqueles que vêm ao nosso encontro, os nossos espaços eclesiais devem ser lugares em que a prática da boa acolhida seja a nossa marca registrada.

Como acolher?

O grande modelo de acolhimento para os cristãos é Jesus Cristo. Devemos acolher como Ele acolheu, sem pré-julgamentos, sem discriminação, sem distinção, mas sempre com muito amor. Além disso, devemos dar toda a atenção para a pessoa enquanto estivermos com e diante dela. Dom Luciano Mendes afirmava que “quando estamos com uma pessoa, devemos ser todo dela”. Portanto, ao acolher uma pessoa, devemos estar inteiramente presentes diante dela, de modo que ela perceba que aquele tempo é reservado exclusivamente para ela e que está sendo tratada como única naquele momento, com todo respeito, amor e carinho. Muitas vezes, por causa do acúmulo de atividades, não conseguimos dar a atenção devida às pessoas que nos procuram e não temos nem mesmo o tempo necessário para atendê-las.

Os Agentes da pastoral da acolhida

Os agentes da pastoral da acolhida devem ser todos os cristãos e cristãs católicos. Cada um, independentemente da vocação e missão assumidas, é chamado a ser um agente da acolhida, recebendo bem os que frequentam as comunidades e indo ao encontro de todos, sobretudo, dos que se afastaram motivados por situações diversas. Cada membro de pastoral, movimento, cada coordenador de comunidade, cada cristão leigo deve assumir a acolhida como um aspecto fundamental da sua fé.

Na comunidade eclesial, os que exercem algum serviço ou ministério têm responsabilidade dobrada na prática de acolher bem. É o caso, em primeiro lugar, dos ministros ordenados: bispo, padres, diáconos. Como dói ouvir relatos de que alguém se afastou da Igreja porque foi tratada de maneira grosseira ou autoritária por um ministro ordenado! Como é decepcionante chegar à casa paroquial e a campanha estar desligada, telefonar e não ser bem atendido, perguntar e não ter respostas satisfatórias, enviar um e-mail e nunca receber uma resposta, solicitar uma audiência e ter que “esperar sentado para não se cansar”.

Para não esquecer

Nosso esforço de ir ao encontro dos irmãos e irmãs para acolhê-los e falar-lhes do amor de Deus deve se inspirar na palavra do Papa Francisco que insiste em sermos uma Igreja em saída, misericordiosa e com portas abertas para receber a todos. “Muitas vezes, agimos como controladores da graça e não como facilitadores. Mas a Igreja não é uma alfândega; é a casa paterna onde há lugar para todos com sua vida fadigosa” (EG 47). Nosso jeito de acolher revele a todos esta verdade.

**Todas as paróquias da Arquidiocese de Mariana receberão um exemplar da Cartilha sobre “Acolhida”. Mais exemplares poderão ser adquiridos na Gráfica e Editora Dom Viçoso pelo telefone (31) 3557-1233 ou pelo e-mail edv@graficadomvicoso.com.br.*

Reprodução



“Eis que estou à porta e bato. Se alguém abri-la, Eu entrarei e cearei com ele e ele comigo” (Ap 3,20). O amor misericordioso de Deus é uma enorme porta aberta. Jesus quis deixar isto bem claro ao contar as parábolas da misericórdia (cf. Lc 15). Também na parábola dos operários da vinha, quando chega a hora de fazer o pagamento aos trabalhadores, Jesus mostra que misericórdia não é uma questão de merecimento e sim de necessidade (cf. Mt 20). O coração manso e humilde de Jesus tem lugar para todos, porém, abre-se com mais facilidade para os aflitos, os sobrecarregados com pesados fardos (cf. Mt 11).

Em 2013, avaliando o alcance do Projeto Arquidiocesano de Evangelização (PAE 2010-2014), chegou-se à conclusão de que dos dois eixos propostos pelo projeto, caminhamos bem no eixo **Comunidade**, mas deixamos muito a desejar no eixo **Missão**. As Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2015-2019 apontam entre as urgências fazer que a Igreja esteja em estado permanente de missão. Se realmente nossas comunidades se tornaram mais sólidas, então deveriam ser missionárias. Ou são missionárias ou não são comunidades amadurecidas.

Às vezes nos consolamos em dizer que “precisamos de qualidade, não de quantidade”. Nisto estamos de acordo. Porém, se somos poucos **de qualidade**, em breve nos tornaremos muitos... e **de qualidade**. Jesus está de acordo com nosso pensamento, quando diz que o Reino de Deus é como o fermento (pouco) que a mulher mistura na farinha (muito), até que tudo fica fermentado (cf. Mt 13). Será que somos fermento de validade vencida?

Nunca é tarde para mudar de opinião e fazer o bem. O pai mandou seu filho ir trabalhar na vinha: ele disse que iria, mas não foi. Mandou o outro filho: ele disse que não queria. Mas, pensou um pouco, mudou de opinião e foi (cf. Mt 21). Há tempo, a gente (a Igreja!) vem pensando que quem quiser se “salvar”, que vá à igreja. Ultimamente o Papa Francisco e o Projeto de Evangelização da Arquidiocese de Mariana vêm mostrando outro caminho, aliás, vem apontando o caminho: Insistem numa “Igreja em saída”.

Sair do comodismo, do egoísmo, do individualismo... e ir ao encontro do irmão e da irmã. Acolher à maneira de Jesus: ir ao encontro das pessoas. daquelas pessoas que estão chegando de mudança para a rua da gente, para nossa vizinhança. Ir ao encontro das pessoas onde elas se encontram. Fazer parte da vida dos outros, não para se “intrometer”, mas para se conhecerem, conviver, convidar para a participação na comunidade, amar e caminhar juntos.

Missão supõe acolhida. Não só acolher o que chega, mas também acolher o que não sai, não vem, não quer comunidade. O amor faz ponte. A atenção enche de flor o caminho e carinho desfaz os preconceitos. Num mundo marcado pela violência, diz acertadamente Mahatma Gandhi: “Não existe um caminho para a paz. A paz é o caminho”.

Como nossas lideranças comunitárias tratam mal as pessoas em nome de leis, normas, diretrizes!... Perdemos as pessoas que nos procuram. E nos procuram por acreditar que somos pontes para chegarem a Deus. Estão **fora** da comunidade, estão **por fora** das normas, mas estão **dentro** dos planos de Deus, porque Deus está **dentro** delas.

Graças a Deus que nossa Arquidiocese terá um Projeto de Acolhida. Que ele **seja bem acolhido** por todos nós! Que o estudemos com carinho! Que façamos um plano como colocá-lo em prática em nossa ação pastoral. O êxito deste projeto depende de cada um de nós, de mim e de você, querido leitor, querida leitora. Vi escrito em algum lugar: “Não vá à minha frente. Pode ser que eu não o queira seguir. Não venha atrás de mim. Pode ser que eu não saiba liderar. Vamos juntos, lado a lado e, juntos, faremos o caminho”.

Pe. Luiz Faustino dos Santos
Miranda do Norte, MA

Presidente do Irã e as palavras do Papa sobre a paz

O encontro entre o Papa Francisco e o Presidente da República Islâmica do Irã, Hassan Rohani, confirmou a vontade da Santa Sé de dialogar com todos para favorecer a paz e a reconciliação no mundo e em especial na região do Oriente Médio. O Irã é um país chave para a estabilidade na região, e se comprovou desde os primeiros meses após o fim da guerra no Iraque, em 2003, quando não se envolveu Teerã nos planos de pacificação pós-bélicos, fato que contribuiu para que o país caísse no caos.

O Vaticano não se viu envolvido de forma alguma na longa e delicada negociação sobre a energia nuclear iraniana, mas expressou em várias ocasiões sua satisfação pelo resultado alcançado. Em setembro do ano passado, diante da Assembleia geral da ONU, o Papa Francisco disse: “Uma ética e um direito baseados na ameaça de destruição mútua – e possivelmente de toda a humanidade – são contraditórios e constituem uma fraude a toda a construção das Nações Unidas, que passariam a ser ‘Nações unidas pelo

medo e a desconfiança’. É preciso se empenhar por um mundo sem armas nucleares, aplicando plenamente o Tratado de não proliferação, na letra e no espírito, para uma total proibição destes instrumentos.”

“O recente acordo sobre a questão nuclear em uma região sensível da Ásia e Oriente Médio – é uma prova das possibilidades da boa vontade política e do direito, exercitados com sinceridade, paciência e constância. Faço votos para que este acordo seja duradouro e eficaz e dê os frutos desejados com a colaboração de todas as partes envolvidas”. E Francisco observou, imediatamente depois, que “não faltam duras provas das consequências negativas das intervenções políticas e militares não coordenadas entre os membros da comunidade internacional”.

Durante a audiência no Vaticano, Rohani agradeceu ao Papa Francisco por sua linguagem, suas palavras sobre a paz e também por não ter deixado de denunciar com força e em várias ocasiões o tráfico de armas e os negócios



como também teve palavras p[roferidas]

que prosperam por trás de certas guerras e do terrorismo fundamentalista do chamado Estado Islâmico.

Um segundo aspecto também importante é a mensagem que surgiu do encontro entre o Pontífice e o Presidente do Irã: o expoente xiita não só pediu ao Papa que rezasse por ele,

sobre a importância da convivência pacífica entre cristãos, judeus e muçulmanos. “Todos somos flores no jardim de Deus”, disse Rohani.

Com informações do Instituto HumanitasUnisinos

Rito do Lava-pés: mulheres poderão ser escolhidas

L'Osservatore Romano



O Papa Francisco decidiu fazer uma mudança nas rubricas do Missal Romano relativas ao Rito do “Lava pés” contido na Missa da Santa Ceia. De agora em diante, entre as pessoas escolhidas pelos pastores poderão ser incluídas também as mulheres. O Papa explica sua decisão numa Carta endereçada ao prefeito da Congregação para o Culto Divino e

a Disciplina dos Sacramentos, Cardeal Robert Sarah. Por conseguinte, o referido Dicastério vaticano emitiu um Decreto a propósito.

Caridade sem limites

“Expressar plenamente o significado do gesto realizado por Jesus no Cenáculo, o seu doar-se ‘completamente’, para

a salvação do mundo, a sua caridade sem limites”. Com estas palavras, o Papa Francisco explica, na Carta ao Cardeal Sarah, a decisão de modificar a rubrica do Missal Romano que indica as pessoas escolhidas para receber o “Lava-pés” durante a Missa da Santa Ceia, na Quinta-feira Santa.

Incluídas as mulheres

A decisão do Papa, tomada “após atenta ponderação”, explica o próprio Pontífice, faz de modo que “de agora em diante os pastores da Igreja possam escolher os participantes para o rito entre todos os membros do povo de Deus”.

Efetivamente, se antes estes deviam ser homens adultos ou jovens, agora – explica o decreto da Congregação para o Culto Divino – poderão ser quer homens, quer mulheres, “convenientemente jovens e idosos, sadios e doentes, clérigos, consagrados e leigos”, incluídos casados e solteiros.

“Esse pequeno grupo de fiéis deverá representar a variedade e a unidade de cada porção do povo de Deus”, ressalta

o Dicastério, sem especificar o seu número.

Explicar o rito

O Papa recomenda que “seja dada aos escolhidos uma adequada explicação do significado do próprio rito”. Cabe a estes – escreve o secretário da Congregação para o Culto Divino, Dom Arthur Roche, num artigo para o *L'Osservatore Romano* – oferecer com simplicidade a sua disponibilidade.

“Cabe a quem cuida das celebrações litúrgicas preparar e dispor todo necessário para ajudar todos a participar frutuosamente deste momento: a vida de todo discípulo do Senhor é memorial (*anamnesis*) do ‘mandamento novo’ ouvido no Evangelho.”

Papa Francisco

Vale recordar que o Papa Francisco já realizou o rito do Lava-pés com a participação de algumas mulheres, por exemplo, na Quinta-feira Santa do ano passado, quando celebrou, em Roma, a missa da Ceia do Senhor no Cárcere de Rebibbia.

Novo documento da CNBB discute Cooperação Missionária

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) apresentou, em dezembro, o Estudo 108 que traz o tema “Missão e Cooperação Missionária”. Fruto de várias reuniões do Conselho Missionário Nacional (Comina), o texto foi discutido e aprovado pela Assembleia do organismo, ocorrida em março de 2015, como também pelo Conselho Permanente da CNBB, no último mês de outubro.

O Estudo 108 oferece elementos para uma reflexão sobre a missão,

animação e cooperação missionária. De acordo com o bispo auxiliar de São Luís (MA) e presidente da Comissão Episcopal Pastoral para a Ação Missionária e Cooperação Intereclesial, dom Esmeraldo Barreto de Farias, o objetivo do texto é “mostrar os elementos fundamentais para a reflexão e vivência da missão a partir dos desafios das realidades de hoje, considerando os fundamentos trinitários, a busca da conversão como Igreja em saída e os horizontes que apontam para a pre-

sença evangelizadora junto aos que já são batizados e participantes ou aqueles que participam pouco ou não participam da vida eclesial e quem não conhece Jesus Cristo”.

Ainda de acordo com o bispo, o estudo anima todas as pessoas e grupos que buscam iluminar sua vida e sua caminhada levando em conta a fala do Papa Francisco. Para o pontífice, a atividade missionária “ainda hoje representa o máximo desafio para a Igreja” e “deve ser a primeira de todas as causas”.

O texto está dividido em dois capítulos, “A missão” e “A cooperação missionária”. “Sabendo que a missão da Igreja é universal, a última parte do estudo mostra como a animação e cooperação missionárias podem e devem se concretizar nas paróquias, dioceses, regionais e em nível nacional”, acrescenta dom Esmeraldo.

O Estudo 108 está disponível nas Edições CNBB: www.edicoescnbb.com.br

Fonte: CNBB

Ano Santo da Misericórdia

Bruna Sudário

Neste Ano Santo da Misericórdia, o Jornal Pastoral, em sua página Formação Continuada, trará uma série de estudos referentes a este tema, para ajudar seus leitores a compreenderem melhor o significado do Jubileu na vida da Igreja, a melhor maneira de vivenciá-lo na comunidade cristã e o significado do Jubileu da Misericórdia proclamado pelo Papa Francisco.

Ano Jubilar: Origem e Significado

A palavra Jubileu vem do hebraico “yobel” e faz alusão ao chifre do cordeiro. Significa “soado de trombeta”, que era um instrumento feito do chifre do carneiro com o qual se extraía uma nota musical longa e aguda, usada para anunciar o Ano do Jubileu. Na língua latina, a palavra usada é “Jubilum” que significa “júbilo, grito de alegria”.

O Jubileu hebraico era tão importante, que o povo o comemorava em grandes solenidades, pois era considerado o ano de resgate. Nele eram observados preceitos tais como o repouso da terra e o descanso dos trabalhadores, a liberdade de escravos, o resgate de propriedades das famílias, dívidas eram perdoadas...Caracterizava-se por três grandes obrigações: abstenção de qualquer trabalho agrícola; liberdade incondicional para todo escravo hebreu; devolução de todos os campos aos seus proprietários originais.

Tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, encontramos referências a esta celebração. Em Levítico 25,10 lemos as palavras do próprio Deus a Moisés: “Santificareis o quinquagésimo ano, proclamando na vossa terra a liberdade de todos os que a habitam. Este ano será para vós jubileu: cada um de vós voltará à sua propriedade e à sua família”. O Evangelho de Lucas apresenta o momento em que Jesus lê a passagem do Profeta Isaías: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu; e enviou-me... para publicar o ano da graça do Senhor” (Lc. 4,18-19). Este ano da graça nada mais é do que o ano jubilar.

Jubileu na Igreja

A Igreja iniciou a tradição do jubileu com o Papa Bonifácio VIII, em 1300. O Papa Alexandre VI, no Jubileu de 1500, acrescentou um



novo rito: a abertura da Porta Santa, na Basílica de São Pedro, que se tornou um acontecimento importante do Ano Santo até os nossos dias.

A partir de 1475, o Papa Sisto IV determinou a celebração a cada 25 anos, a fim de que todas as gerações pudessem participar de pelo menos um jubileu. A partir daí, entrou em uso a significativa denominação de “Ano Santo”, que chegou até nós. O Ano Santo que a Igreja, hoje, nos propõe, consiste num perdão geral, uma indulgência aberta a todos, e na possibilidade de renovar a relação com Deus e o próximo. Até hoje, foram celebrados 26 anos santos ordinários. O último foi o Jubileu do Ano 2000.

Os sinais

O jubileu tem alguns sinais visíveis que nos ajudam no propósito interior de conversão do coração a Deus e aos irmãos. São três os principais:

1. A PORTA SANTA: Indica que, durante o Jubileu, nos é oferecido “um caminho extraordinário”, por onde entramos, com destino à salvação: caminho de penitência, conversão, reconciliação e celebração do amor e da bondade de Deus.

2. PEREGRINAÇÃO: “A peregrinação é um sinal peculiar no Ano Santo, representa o caminho que cada pessoa realiza na sua existência. A vida é uma peregrinação e o ser humano é viajante, um peregrino que percorre uma estrada até

à meta desejada” (Papa Francisco).

3. INDULGÊNCIA: “No sacramento da Reconciliação, Deus perdoa os pecados, que são verdadeiramente apagados; mas o cunho negativo que os pecados deixaram nos nossos comportamentos e pensamentos permanece. A misericórdia de Deus, porém, é mais forte também do que isso. Ela torna-se indulgência do Pai que, através da Esposa de Cristo, alcança o pecador perdoado e liberta-o de qualquer resíduo das consequências do pecado, habilitando-o a agir com caridade, a crescer no

amor em vez de recair no pecado” (Papa Francisco).

Ano Santo Extraordinário

Além dos jubileus ordinários, o Papa pode também convocar a Igreja para um jubileu extraordinário, com um motivo especial, como é o Ano Santo da Misericórdia. É “um Jubileu temático, que assenta fortemente no conteúdo central da fé e pretende recordar à Igreja a sua missão prioritária de ser sinal e testemunho da misericórdia em todos os aspectos da sua vida pastoral” (Dom Rino Fisichella).



Para refletir com seu grupo ou equipe pastoral

1. Para nós, hoje, o que significa celebrar um Ano Santo ou Ano Jubilar?
2. O que podemos fazer para que nossas comunidades tomem consciência do significado e da importância do Ano Santo que estamos celebrando?
3. Que gestos concretos podemos ter para que os distantes e excluídos sintam aberta a porta no nosso coração para acolhê-los?

Pe. José Geraldo de Oliveira
 Presidente Bernardes, MG

CONVERTEI-VOS E CREDE NO EVANGELHO

Fotos: reprodução

Quarta-feira de Cinzas (10/2):

Leituras bíblicas: Jl 2,12-18 / Sl 50 / 2Cor 5,20 – 6,2 / Mt 6,1-6.16-18.

Com esta celebração damos início à grande caminhada quaresmal, rumo à Páscoa do Senhor, que é também a nossa páscoa. A marca registrada deve ser o esforço de conversão. Rasgar, não as vestes, mas o coração. Dedicar-se à prática do jejum, da abstinência, da oração, da caridade fraterna.

Não é preciso 'inventar' muita coisa para a celebração. O próprio rito das cinzas já é muito rico e simbólico. Pode-se levar na procissão de entrada uma cruz maior, com um pano branco nos braços, o cartaz da Campanha da Fraternidade e as cinzas. Valorizar mais o silêncio. O rito da imposição das cinzas substitui o ato penitencial.



1º Domingo da Quaresma (14/2):

Leituras bíblicas: Dt 26,4-10 / Sl 90 / Rm 10,8-13 / Lc 4,1-13.

Durante todo o tempo da Quaresma, é importante trabalhar a falta, o vazio, o despojamento. Que fique bem forte a ideia do deserto, da sobriedade. Assim, a Igreja orienta para que se evitem flores na ornamentação, não se cante o 'Glória' e o 'Aleluia', que os instrumentos sejam usados com moderação.

A liturgia de hoje nos convida a valorizar a Palavra de Deus, força que nos ajuda a vencer as tentações do egoísmo e do consumismo. Dar destaque à mesa da Palavra e à proclamação dos textos bíblicos.

2º Domingo da Quaresma (21/2):

Leituras bíblicas: Gn 15,5-12.17-18 / Sl 26 / Fl 3,17 – 4,1 / Lc 9,28b-36.

Podemos usar três palavras na liturgia: 'desfiguração', provocada pelo pecado e pela miséria, que deturpam a imagem de Deus que há em nós; a 'transfiguração', que vem pelo perdão, pela reconciliação, pela graça; e

a 'configuração', que é consequência da nossa comunhão com Deus e do esforço para termos os mesmos sentimentos de Jesus Cristo.

Pode-se substituir o ato penitencial pela aspersão. Convidar a assembleia a ficar de joelhos e ir se levantando à medida que é aspergida.

3º Domingo da Quaresma (28/2):

Leituras bíblicas: Ex 3,1-8a.13-15 / Sl 102 / 1Cor 10,1-6.10-12 / Lc 13,1-9.

O ambiente pode ser preparado com um arbusto ou um galho seco. No arbusto, uma bíblia apoiada por um papel celofane vermelho, cor de fogo. Ao lado, um par de sandálias bem usadas.

Quem for proclamar a primeira leitura, ter o cuidado de se preparar bem e proclamar com ênfase, sobretudo a parte em que Deus fala a Moisés: "Eu vi a aflição do meu povo..."

4º Domingo da Quaresma (6/3):

Leituras bíblicas: Js 5,9a.10-12 / Sl33 / 2Cor5,17-21 / Lc 15,1-3.11-32.

A celebração de hoje é momento propício para se trabalhar a proposta do Ano da Misericórdia. O evangelho de Lucas é uma das mais belas páginas para expressar "o rosto da misericórdia do Pai". Deus não olha o passado, mas sempre o presente, na perspectiva do futuro. Não para no pecado, mas aponta para o perdão e a reconciliação. Nossa vocação é estar na casa do Pai e conviver de maneira fraterna com os irmãos.

Na procissão de entrada, levar um cartaz ou banner do Jubileu da Misericórdia. Pode-se também levar os símbolos que aparecem no evangelho: uma túnica nova, sandália, anel, pão e vinho. Dar mais ênfase ao ato penitencial, com uma boa reflexão e aspersão, cantando: "banhados em Cristo, somos uma nova criatura", como diz a segunda leitura.

5º Domingo da Quaresma (13/3):

Leituras bíblicas: Is 43,16-21 / Sl 125 / Fl 3,8-14 / Jo 8,1-11.

Preparar o ambiente com algo que lembre o deserto, com areia, pe-

dras, cactos, mas com um caminho verde pelo meio e uma fonte de água cristalina. Pode-se trabalhar a figura da pedra, que serve de tropeço ou de construção. Foi da pedra que Deus fez jorrar água para saciar a sede do povo no deserto. É a pedra que expressa o ódio, a hipocrisia, a intolerância dos mestres da lei e dos fariseus. É mais fácil atirar pedras que converter um coração petrificado.

Chamar também a atenção para a CFE, que nos convida a cuidar da "Casa comum", que é nosso planeta, mas, sobretudo, cuidar da casa de Deus, que é o ser humano. É preciso fazer acontecer o direito e a justiça, a fim de que corram como um rio que passa em nosso meio e gera vida.

Obs.: Temos três músicas sobre o Ano da Misericórdia, feitas em parceria com o Pe. Sala. Se alguém tiver interesse, faça contato pelo e-mail abaixo, que enviaremos as letras com partituras e o áudio.



CELEBRANDO A QUARESMA

Toda festa exige preparação. E, quanto mais importante é a festa, mais se prepara. A Páscoa é, para nós cristãos, a festa por excelência. Por isso é construída ao longo de cinco semanas.

É um tempo de deserto, penitência, conversão, caminho em direção à Vida, como foi para o Povo de Israel ao sair do Egito. Tempo de superar as tentações, como Jesus antes da missão. Tempo de purificação, como no dilúvio. E também da experiência forte da presença de Deus, como aconteceu a Moisés, no Sinai, e a Elias, no Horeb. Em todos esses episódios aparece o número quarenta. Daí, “Quaresma”.

O ‘deserto’ nos leva à experiência da transitoriedade, da falta, da privação e da provação. É hora de combater com mais empenho as tentações do cansaço, do desânimo, da idolatria, da impaciência, do egoísmo. Momento propício para ir ao encontro das armas que podem garantir a vitória: a graça amorosa de Deus, a Palavra, a Eucaristia, o jejum, a penitência, a mortificação, o silêncio, a oração. O sacramento da Reconciliação deve ser bem valorizado e celebrado.

Muitos temem que a Campanha da Fraternidade abafe o sentido, a

proposta, o clima quaresmal. Mas pode ser também uma grande contribuição no sentido de se buscar uma fé mais encarnada em nossa realidade. Neste ano, o tema está em sintonia com a *Laudato Si*, do Papa Francisco, chamando a atenção para o cuidado da mãe terra, a defesa da justiça e do direito.

Com a Quarta-feira de cinzas, logo na abertura da Quaresma, vem o apelo: “Convertei-vos, e crede no Evangelho!”. Essa deve ser uma das marcas dessa caminhada rumo à Páscoa: o esforço de conversão, de se voltar para Deus, e a fé como adesão a Jesus Cristo e seu projeto do Reino.

Os domingos falam da luta contra as tentações (1º domingo), o esforço de nos transfigurarmos (2º domingo) e dar bons frutos (3º domingo). E, dentro do espírito do Jubileu, ensinam a misericórdia (4º domingo) e o perdão (5º domingo). É preciso saber aproveitar a grande riqueza dos textos bíblicos escolhidos para esse Tempo.

A CFE oferece também vários subsídios: Via-Sacra, Vigília Eucarística e Celebração da Misericórdia, Folhetos Quaresmais, Encontros Catequéticos, Fraternidade Viva, Celebrações Ecumênicas etc.



Pe. José Antônio de Oliveira
 Cristiano Otoni e Queluzito / MG

Espiritualidade da Campanha da Fraternidade

“Eu sonho ver o pobre, o excluído, sentar-se à mesa da fraternidade, governo e povo trabalhando unidos, na construção da nova sociedade” (*Adenor Leonardo Terra e Pe. José Antônio de Oliveira, sacerdote de nossa Arquidiocese, são os autores da música escolhida como o Hino da Campanha da Fraternidade 2016*). Nessa perspectiva somos motivados a viver mais um momento rico de fé e compromisso cristão. Neste tempo de reflexão, cujo objetivo é a transformação da nossa vida, creio que uma espiritualidade que não gera vida e transformação não é autenticamente cristã. Não somente a minha vida, os meus interesses, mas o de todos, ou seja, o bem comum de todos os irmãos, a sociedade.

Assim, o tema escolhido para a reflexão na Campanha da Fraternidade Ecumênica 2016 é “Casa comum, nossa responsabilidade” e o lema “Quero ver o direito brotar como fonte e correr a justiça qual riacho que não seca” do

livro de Amós 5.24. A proposta está em sintonia com a Encíclica *Laudato Si* do Papa Francisco. Nesse tema e lema, duas dimensões básicas para a subsistência da vida são abarcadas a um só tempo: o cuidado com a criação e a luta pela justiça, sobretudo dos países pobres e vulneráveis. Nessa Campanha da Fraternidade Ecumênica, a Igreja “quer instaurar processos de diálogos que contribuam para a reflexão crítica dos modelos de desenvolvimento que têm orientado a política e a economia”, explica a coordenação geral, representada pelo bispo da Igreja Anglicana e presidente do Conic, dom Flávio Irala, e a secretária-geral, pastora Romi Márcia Bencke.

Recebemos inspiração a partir do profeta Amós que afirma em seu texto que a situação social do povo é importante para Deus, e que o culto se torna vazio e mentiroso se as pessoas vão aos templos, oferecem sacrifícios para Deus, mas permitem que a injustiça degrade a vida dos pobres, filhos amados e filhas amadas de Deus. O profeta Amós deixa bem claro que a fidelidade a Deus, tem tudo a ver com o cuidado que temos que ter, uns com os outros e com os dons da natureza. O texto destaca questões como o caos social, o rompimento das relações afetivas e da relação com Deus. Como

lema da Campanha, a proposta é que as pessoas repensem suas vidas e mudem suas atitudes em prol do bem comum. Importante ressaltar que a reflexão da Campanha da Fraternidade se inicia na quaresma, que é um tempo forte de oração, penitência e caridade como exercícios de conversão.

É, principalmente, um tempo em que nos preparamos para viver a Páscoa, ressurreição e vida nova em Cristo Jesus e, que recebemos a missão de refletir de maneira mais profunda, inspirada nos quarenta anos em que o povo de Deus viveu no deserto se purificando para entrar na Terra Prometida e os quarenta dias em que Jesus viveu no deserto antes de iniciar sua missão na vida pública.

A oração, o jejum e a esmola são os elementos fundamentais da espiritualidade quaresmal. Somos chamados na Escuta da Palavra de Deus, na participação nos Sacramentos e na vida comunitária a atualizar o mistério de Cristo e Sua salvação na vida da Igreja hoje. Tais atitudes são fundamentais para que possamos ter um olhar misericordioso, capaz de comprometer-se com questões que envolvem a vida do povo.

Nesse ano somos motivados a refletir sobre políticas públicas que visem cuidado com e para todos; somos

motivados a pensar no desperdício e em nossa produção de lixo. Lembrar com amor dos valores primordiais da vida, da partilha, do respeito, da igualdade dos valores cristãos, pois “cidadãos bem formados e firmes nas hierarquias de valores não se deixam vencer pelos mecanismos da injustiça, que gera corrupção”. Não queremos ser conhecidos como um país de corruptos. Somos convocados a provocar uma atitude positiva do Estado, ou seja, nos governantes para que todos tenham, com dignidade e trabalho, a satisfação de suas necessidades pessoais e comunitárias.

Temos que crescer no diálogo, promovendo a reconciliação, o perdão, que é uma virtude cristã, exercitar a capacidade de promover o outro nas suas qualidades e diferenças, ajudando-o a sair da margem de nossa sociedade. Enfim, somos convidados para que nos exercícios da Via-Sacra, nas celebrações, nos grupos de orações e círculos bíblicos, iluminar com a nossa fé os nossos compromissos cristãos, testemunhando a certeza da presença amorosa de Deus que quer vida em abundância para todos. Amém.

Vera Maria Moraes Fontes
 Paróquia N. Sra da Assunção
 Barbacena/MG

Linhas e cores que dão vida à arte de bordar

Fotos: ABBA

A linha, a cor, o ponto, o tecido, o desenho e o sentimento são elementos presentes na arte de bordar. E desta arte, feita por mãos firmes e carinhosas, nascem inúmeras peças na cidade de Barra Longa. A cidade, que foi invadida pela lama da barragem de Fundão, acolheu junto com os bandeirantes, por volta do ano de 1701, os bordados e o artesanato, que hoje fazem parte da cultural local.

“Uma peça bordada tem muito valor pela expressão dos sentimentos e cores”, afirma Carmem Lúcia Ferreira, uma das bordadeiras mais conhecidas na cidade. “Há várias maneiras de expressão da arte e o bordado é uma delas. Quando se borda, há um estudo interno dos sentimentos para depois colocar as cores, escolher o tecido, o que deverá ser produzido, como e o que bordar no momento. Tudo depende dos sentimentos, do momento, ou quando já recebe os tecidos riscados para bordar. Neste caso, percebe-se o sentimento do outro. A arte vem da alma. Uma peça bordada tem muito valor pela expressão dos sentimentos e cores”, ressalta Carmem.

Associação de bordadeiras

Com o passar dos anos essa arte foi ganhando novos traços e em 2003 um grupo de mulheres da cidade fundou a Associação Barralanguense de Bordadeiras e Artesãos (ABBA). “No início, eram várias mulheres, mas, aos poucos, algumas conseguiram se tornar independentes e criar seu próprio negócio. Hoje o número está reduzido a 13 pessoas. A porcentagem de mulheres barralanguenses que dependem dos bordados para complementar a renda familiar é muito grande. Supõe-se uma média de 65% a 70% de bordadeiras. É cultural, é familiar”, explica Carmem Lúcia.

Sem fins lucrativos, a ABBA tem o objetivo de criar oportunidades para geração de emprego e renda, principalmente para as mulheres barralanguenses, tanto da zona urbana quanto da zona rural. “Muitas vezes é necessário contratar ou terceirizar os serviços das mulheres da zona



rural, elas fazem bordados à mão e à máquina”, conta.

Jogos de cama, mesa e banho bordados em richellieu, ponto cruz, matiz, bainhas simples e trabalhadas, os famosos e conhecidos pontinhos, bem como o bordado em peças de vestuário, especialmente para batizado, estão entre as especialidades das artistas que traduzem em seus bordados a cultura e a tradição local.

Sem um espaço próprio, o grupo utiliza um local cedido, sem taxa de aluguel, por um parceiro de vários anos, o senhor Clodomiro Carneiro. Neste local, ficam guardadas todas as peças já produzidas e a matéria prima para novas produções. Lá as associadas se reúnem para discutir todos os assuntos referentes à ABBA. Segundo Carmem, geralmente elas bordam em casa, mas há os dias de cada uma ficar no espaço para visitação ou vendas. A maior parte dos produtos é vendida em feiras, realizadas em vários estados do país.

Vida que segue

Atualmente a produ o está parada e uma das causas foi a tragédia do dia 5 de novembro, que afetou a produ o de flores. “Os ramos utilizados para a confec o nascem perto do rio, nas partes baixas dos pastos, e agora   impossível recolhê-los. As associadas que trabalham com as flores, estão paradas, elas não têm como produzir. Na realidade, todas as associadas foram atingidas diretamente. Vamos nos reunir para encontrar solu es e estratégias de vendas”, explica Carmem Lúcia.

Os produtos da Associa o não foram atingidos com o rompimento da barragem, pois estão em um ponto alto da cidade. O grupo, que tem vários parceiros, entre eles o SEBRAE e a prefeitura de Barra Longa, espera voltar a produzir o quanto antes. Afinal, o bordado, patrim nio cultural, não só faz parte da cultura, mas   também um importante transformador social e econ mico na vida dessas mulheres que d o cores e sentimentos aos tecidos que tocam.

